

Análise da cobertura noticiosa da terceira Parada do Orgulho de ser LGBT em Vitória da Conquista sob a filosofia do jornalismo cívico¹

Murillo Nascimento NONATO²

Marcus Antônio Assis LIMA³

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Ba.

Resumo

Esse artigo tem como finalidade analisar a cobertura noticiosa da terceira Parada do Orgulho de Ser LGBT de Vitória da Conquista-Ba, utilizando como parâmetro a filosofia do Jornalismo Cívico que adota como critério de noticiabilidade primordial o valor social da notícia. Buscamos averiguar de que forma essa discussão e a representação desse grupo se dá e se há ou não reprodução de preconceitos dentro dessa cobertura e se essa se faz de uma maneira mais cívica e socialmente responsável.

Palavras- chave: homofobia; jornalismo cívico; parada gay

Introdução

Nos anos 1990, surgiu nos Estados Unidos o conceito de Jornalismo Público ou Jornalismo Cívico, desenvolvido por jornalistas e pesquisadores como David Marrit e Jay Rosen. O movimento visa questionar e revisar conceitos fundamentais do jornalismo tradicional e propor novas atitudes de relacionamento com o público. Entre os fatores que impulsionaram o movimento estavam o declínio da venda dos jornais impressos e a “crescente onda de desconfiança por parte do público em relação aos meios de comunicação” (Nelson Traquina, 2003, pg.09), que acarretou na perda da credibilidade dos media e, principalmente, o desejo de reaproximar os cidadãos da vida pública, compreendendo essa

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania da Intercom Júnior - VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente no XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação .

² Estudante de graduação do quinto semestre no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, e-mail: nonato.murillo@gmail.com

³ Orientador do artigo. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, e-mail: malima@uesb.edu.br

capacidade como participação de discussões sobre políticas públicas e a busca por melhores alternativas para a resolução de problemas sociais (Halanna Andrade, 2011, p. 02).

Para esses teóricos, os leitores tornaram-se apáticos às formas e procedimentos do jornalismo tradicional. Embora abundantes, as notícias não eram suficientes para modificar as problemáticas nelas apresentadas. Na busca pela alteração da prática jornalística e na tentativa de retomar a credibilidade do jornalismo que já estava desacreditado, professores, editores e jornalistas defensores do jornalismo cívico foram em busca de novas formas de relacionamento com os usuários, tendo como premissa incitar no cidadão o desejo de maior participação no debate público e no processo democrático.

Segundo a teoria do jornalismo cívico, os fatos sociais não devem ser tratados ou representados nos meios de comunicação explorando o que nele há de dramático, mas sim de agregar valores sociais, fazer uma análise do fato e orientar o público quanto à solução dos problemas apresentados pela notícia. Conforme Luís Martins da Silva (2002) o social é o maior gerador de notícias com apelo dramático e pela sua repercussão podemos considerar dois paradigmas, sendo um deles antigo e o outro emergente:

O antigo refere-se àquele já contemplado pelos manuais, pelas técnicas e pela literatura acadêmica que se especializou em demonstrar como os acontecimentos irrompem desde a natureza e desde o espaço social para as manchetes e como são consumidos por uma plateia sempre disposta a se chocar ou se deleitar com as novidades. O emergente constituiria propriamente essa categoria do jornalismo público, ou seja, aquele vocacionado para a mudança, para a qual as notícias e as mudanças que lhe são acrescidas são constitutivas de uma práxis. Dessa forma as ações sociais com vistas ao desenvolvimento social, econômico, político, cultural e, em síntese, humano, não poderiam prescindir do agendamento e do noticiamento, mas, sobretudo, do fornecimento ao público de instruções, roteiro e procedimentos acerca da responsabilidade social de todos na consecução dos meios para a resolução dos problemas representados pelos fatos e suas consequências. (SILVA,2002,pg.04)

O jornalismo cívico prima por um jornalismo socialmente responsável e objetiva também “dar voz” a todos os grupos, principalmente os excluídos, periféricos e marginalizados. De acordo com essa filosofia os textos noticiosos deveriam pautar, sobretudo, os temas de interesse social com uma abordagem que sugira mudanças e oriente o cidadão no debate e nas soluções dos problemas apontados na notícia. Sobre o movimento LGBT (lésbicas,

gays, bissexuais e travestis), formado por um grupo historicamente marginalizado, o enfoque que vem se dando dentro dos media tem se pautado no que há de dramático com relação ao tema, utilizando o choque para chamar a atenção da audiência em uma abordagem contrária a filosofia do jornalismo cívico e que não contribui para o debate público.

O movimento homossexual, apesar das atuais conquistas nos últimos anos, como a possibilidade incluir o parceiro (a) como depende no Imposto de Renda pela Receita Federal em 2010, o reconhecimento da união estável entre casais do mesmo sexo pelo Supremo Tribunal Federal em 2011, alguns casos de adoção de crianças por casais gays e outras, o preconceito motivado pela orientação sexual ainda é grande no Brasil. Só em nosso país, segundo dados divulgados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), foram 260 mortes motivadas pela homofobia, que é caracterizada pela inferiorização e atitude de hostilidade contra os homossexuais (Borillo, 2010, pg. 13).

Esse preconceito, arraigado em nossa cultura, é estimulado e perpetuado no imaginário popular através dos meios de comunicação de massa. A mídia padroniza a imagem do homossexual e a trata, muitas vezes, de forma pejorativa, contribuindo significativamente com o preconceito sexual na sociedade, que geralmente tem como único meio de mediação entre esse universo e a sua representação, a mídia.

Dessa forma, a representação dos LGBT, por exemplo, na imprensa, é realizado e repetido incansavelmente padronizando sua imagem, tratando-os como diferente e negativamente por fugirem do modelo de comportamento sexual aceito na sociedade, o heteronormativo, que é “baseado nas expectativas e obrigações sociais advindas da ideia de que a heterossexualidade é natural, logo, fundamento da sociedade” (MISKOLCI *apud* TIAGO SANT’ANA, 2010, pg. 04) e essa imagem provoca um efeito de real na sociedade.

Essa representação realizada pela mídia vem comumente associada à homofobia, que:

designa, assim, dois aspectos diferentes da mesma realidade: a dimensão pessoal, de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição dos homossexuais e a dimensão cultural, de natureza cognitiva, em que o objeto de rejeição não é o homossexual enquanto indivíduo, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social. (BORRILLO, 2010, pg. 22)

Nesse caso, entre as duas formas de preconceito apresentadas por Borillo, a que os meios de comunicação mais se enquadram seria a homofobia de natureza cognitiva, que apesar de não ter efeito direto como a manifestação emotiva do tipo fóbico, motivada pelo ódio e pela repulsa ao homossexual, caracterizando a homofobia irracional (ou psicológica) que tem dimensão pessoal, o que não a torna menos agressiva. Ela exerce seu preconceito diariamente, de forma mais sutil, e tem cunho social. Constitui-se pelo modo de caracterizar o outro, pela condenação da homossexualidade, por acreditar no outro como inferior, contrário ou anormal, colocando-o a distância por causa da crença em sua diferença irreduzível e seu objetivo é perpetuar os preconceitos fincados na sociedade evidenciando e pregando as distinções entre homossexual e heterossexual. Ela pode ser caracterizada pela hipocrisia social que afirma falsamente aceitar a homossexualidade, mas que esta seja em seu âmbito privado, nunca público. Não se incomodam também de ver as disparidades entre as garantias e os direitos entre homossexuais e heterossexuais, pelo contrário, rejeitam a possibilidade da igualdade desses direitos.

“No mundo social, toda gente gosta dos homossexuais em geral – inclusive, muitas pessoas têm amigos homossexuais em particular. Entretanto, ninguém iria ao ponto de defender a igualdade das sexualidades, proposição radical que esbarra no senso comum: mesmo que nada exista de anormal na homossexualidade, cada um de nós sabe que o casamento ou a filiação reconhecidos aos casais do mesmo sexo não seriam considerados uma situação normal.” (FASSIN *apud* BORRILLO pg. 24).

Jesus Martín-Barbero (2004), em sua análise sobre a televisão, e que pode estender-se a todos os meios de comunicação de massa, pontua aspectos interessantes a cerca da posição estratégica que o meio ocupa nas dinâmicas das culturas cotidianas das maiorias, nas transformações das sensibilidades, na sua forma de construir o imaginário popular e identidades. Ele ressalta que sua função é muito menos de aparato tecnológico para o ócio e diversão do que cenário “cotidiano das mais secretas perversões do social e também da constituição de imaginários coletivos, a partir dos quais as pessoas se reconhecem e se representam o que tem direito de esperar e desejar”.

A homofobia trazida pelos meios de comunicação às nossas casas, não vem filtrada de outros preconceitos que se confundem com esse. Como aponta Borillo (2010), não há como se falar de homofobia sem se considerar a ordem sexual em que as relações entre sexo e sexualidade estão calcadas. Nela se encontra a naturalização entre a diferença dos dois

sexos instituídos como normais, o masculino e feminino, em que o último encontra-se em situação de subordinação psicológico e cultural ao primeiro. “O sexismo define-se, desde então, como ideologia organizadora das relações entre sexos” (Borillo, 2010, pg. 30). A dominação masculina mostra-se como tipo específico de preconceito através da objetificação da mulher. Esse preconceito baseia a hierarquização das sexualidades, que se caracteriza na crença do heterossexismo, que define a heterossexualidade como sexualidade superior, e é fundamento da homofobia, e da heteronormatividade, que é tomada como forma de definir a si mesmo, o que molda não só o comportamento do homossexual, mas do próprio heterossexual, que é levado a sustentar um modelo de comportamento guiado pela virilidade que consiste em negar a feminilidade e considerar o homossexual o seu contrário, repudiando ambos para que sua masculinidade não seja ferida. A constante afirmação da superioridade biológica e moral, inerentes a heterossexualidade, constitui um aparelho político da manutenção da normalidade sexual culturalmente construída. A heterossexualidade aparece sempre como padrão. Nas matérias jornalísticas, nas novelas, nos programas de entretenimento, como em outros ambientes sociais, a sexualidade hetero não precisa ser exposta ou dita porque isso já é esperado pela sociedade, seria o natural.

Visto isso, sentimos a necessidade de averiguar de que forma essa discussão e a representação desse grupo se dá (se há ou não reprodução de preconceitos) dentro da cobertura noticiosa da terceira edição da Parada LGBT de Vitória da Conquista e se essa se faz de uma maneira mais cívica e socialmente responsável através de um estudo de caso, usando as matérias realizadas no período do dia 15 ao dia 25 de maio de 2012, utilizando como parâmetro a filosofia do jornalismo cívico que adota como critério de noticiabilidade primordial o valor social da notícia.

As manifestações a favor do orgulho gay

Em 1969 era ilegal ter um estabelecimento público que reunisse homossexuais na cidade de Nova York, no entanto, no dia 28 de junho daquele ano, cansados da repressão protagonizada pela polícia da cidade, os LGBTs e todos os que frequentavam o bar *Stonewall Inn*, localizado no bairro *Greenwich Village*, decidiram não mais se calar diante da violência motivada pelo ódio homossexual. O bar situava-se em área de difícil acesso e caracterizava-se como um gueto. O Estabelecimento abrigava também muitos grupos de

jovens cuja política era definida pelo nascente movimento contra a guerra do Vietnã, ideologias de esquerda, do feminismo e do movimento dos direitos civis dos negros. Espelhados pelas lutas desses grupos sociais, os homossexuais estavam preparados para resistir à opressão naquela noite. Os manifestantes enfrentaram a polícia munidos de pedras e garrafas, ganharam as ruas e sustentaram o embate físico por quatro dias confrontando à truculência do Estado.

Esse confronto ocorrido em Stonewall marcou o movimento gay tanto nos Estados Unidos quanto no mundo em geral. A data que ocorreu tal conflito, 28 de junho de 1969 se tornou o dia do Orgulho Gay, a data mais importante do calendário para esse movimento. A partir de então, o movimento homossexual passou a ser um movimento identitário, e com a defesa de plataforma política, fugindo do seu âmbito puramente sexual. (NASCIMENTO, 2011, pg. 15)

Passado um ano, número aproximado de 10 mil pessoas marchou pela cidade comemorando o aniversário da rebelião ocorrida no bar *Stonewall*, mostrando seu desejo pela igualdade de direitos, seu potencial de luta e de organização enquanto movimento social. O exemplo foi seguido não só por todo os Estados Unidos, como passou a ser celebrado em diversos países com as famosas Paradas Gay ou Paradas do Orgulho Gay. É nesse dia que os homossexuais afirmam sua história de resistência e combate à homofobia.

Dentre os países que incorporaram a cultura de celebrar a data, está o Brasil. A parada gay de São Paulo, que teve seu tímido início em 1997, tornou-se em 2003 o maior evento LGBT do planeta, ultrapassando as paradas de Toronto, São Francisco e Atlanta. As parcerias com o Estado em torno do combate a AIDS ao longo da década de 90 impulsionou a multiplicação de grupos ativistas, inclusive de lésbicas e travestis. Parte considerável desses grupos aderiu ao formato das organizações não-governamentais (ONGs). Nesse período o movimento homossexual realizou campanhas pela igualdade de direitos, reconhecimento legal dos casais formados por indivíduos do mesmo sexo e pelo combate a homofobia, o que auxiliou a popularizar o termo. Dentro dessa conjuntura emerge e se consagra as Paradas em todo o país⁴.

⁴ Ver Fischer, A. Como o mundo virou gay? Crônicas sobre a nova ordem sexual. São Paulo: Ediouro, 2008.

Na capital paulista, em sua primeira parada, vários subeventos precederam o principal, como o “Ato pela Cidadania Plena”, no Teatro Municipal, “Fórum das Minorias Sexuais”, na Câmara Municipal e uma mostra de vídeos LGBT promovida pela Sony. A parada cruzou a Paulista e a Consolação para celebrar o orgulho de ser LGBT e tinha o intuito também de combater a homofobia. O ato se espalhou rapidamente para outras cidades e em 2008 já eram contabilizadas mais de duzentas paradas em todo o país, fazendo do Brasil o país com o maior número de Paradas do Orgulho Gay do mundo.

Esse ano, em sua 16ª edição, a parada do Orgulho de ser LGBT paulista, teve como tema “Homofobia tem cura: educação e criminalização”. Os organizadores e o público clamaram durante o trajeto pela aprovação do projeto de lei 122/06, que há seis anos tramita no Senado e pediram também a criminalização da homofobia. O grupo também pediu a aplicação do projeto Escola Sem Homofobia, voltado a professores da rede pública de ensino.

O evento atraiu muito políticos, dentre eles a senadora Marta Suplicy (PT-SP), o deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ), o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), o ex-ministro do Esporte Orlando Silva e a pré-candidata à Prefeitura de São Paulo, Soninha Francine (PPS)⁵.

Excepcionalmente, esse ano a organização do evento e a polícia decidiram não divulgar um número oficial de público, mas segundo a Datafolha, a Parada reuniu em torno de 270 mil pessoas, contrastando com os 4,5 milhões do ano anterior. Segundo o instituto, esse ano, pela primeira vez, foi utilizado um método científico de medição. Geralmente ele é realizado a partir do lixo produzido ou pela concentração de pessoas ao longo do evento. O método, no entanto, não leva em conta o público flutuante⁶.

Anterior ao surgimento do movimento político homossexual em Vitória da Conquista, os LGBT reuniam-se em guetos, espaços marginalizados em que podiam exercer sua

⁵ Informação retirada do site da Folha de São Paulo disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1102672-publico-da-parada-gay-esta-abaixo-do-esperado-diz-pm.shtml>> acessado em 10 de jun. 2012.

⁶ Informações retiradas do site da *Folha de S. Paulo*, disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1102836-parada-gay-reune-270-mil-pessoas-afirma-datafolha.shtml>>, acessado em 10 de jun. 2012.

sexualidade longe dos olhares do resto da sociedade. O ponto de encontro desse grupo eram bares distantes do centro ou praças pouco habitadas. O contexto passou a modificar-se a partir do surgimento de grupos de ativistas que passaram a lutar por aceitação e políticas públicas para os homossexuais em 2004.

Segundo Rosilaine Santana, tecnóloga de segurança do trabalho e presidente do grupo de lésbicas Safo, os primeiros grupos de homossexuais a unir tinham por motivação organizar festas voltadas para os LGBT e não tinham o intuito de tornar-se um movimento social. Dentre esses grupos encontravam-se os Acropodes e Morgana Mix. A primeira tentativa de construção de um grupo que pretendia de fato fazer política surgiu durante a primeira conferência LGBT da cidade em 2003 com o Vitória da Conquista LGBT. De acordo com Rosilaine, durante o percurso de sua criação, no qual ela estava envolvida, as divergências de posicionamento surgiram, o que acabou inviabilizando sua efetivação. Finalmente, em 2004, surgiu o grupo de lésbicas Safo, primeiro grupo de ativistas homossexuais a se consolidar como um movimento político-social na cidade, liderado todos esses anos por Rosilaine Santana.

Do grupo Safo surgiu a iniciativa de se montar a primeira Parada do Orgulho LGBT Conquistense em 2010, a qual já se encontra em sua terceira edição. Paralelo a parada há sempre os seminários de formação, já que segundo a presidenta do Safo, é da opinião do grupo de lésbicas e do movimento LGBT que é necessário que haja a formação política junto a Parada para que todos tenham consciência real do que o movimento significa. O evento aglomera hoje em torno de sete mil pessoas, segundo estatísticas da Polícia Militar⁷.

A cobertura noticiosa da Parada Gay de Vitória da Conquista

Para analisar como o jornalismo aborda a Parada LGBT e se sua cobertura se enquadra na filosofia do jornalismo cívico, foram escolhidos os quatro veículos noticiosos com maior acesso e repercussão na cidade, sendo eles dois blogs, o Blog do Anderson e o Blog da Resenha Geral e um site, o Conquista News. As matérias foram selecionadas dentre os dias 15 e 25 de maio por nos permitir analisar matérias referentes a conteúdo da pré-parada, do

⁷ Informações obtidas em entrevista realizada com Rosilaine Santana em 20 de jun. de 2012.

dia da parada em si e matérias pós-parada LGBT. Foram medidas a abordagem, a temática, o enfoque da pauta, conteúdo, as fotografias e fontes utilizadas.

Blog do Anderson

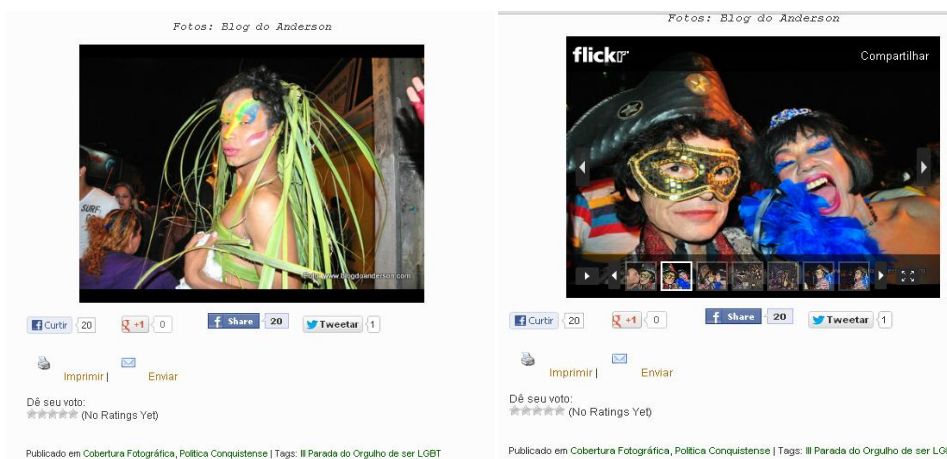
O blog veiculou durante o período estipulado para análise, três matérias sobre o tema, tendo elas como título: “III Terceira Parada do Orgulho de Ser LGBT em Debate”, publicada no dia 21, “Movimento LGBT Protesta na Câmara”, publicada no dia 19 e “Terceira Parada do Orgulho de Ser LGBT em Fotos”, publicada no dia 19.

Nessas matérias verificou-se superficialidade na abordagem e o pouco espaço destinado ao tema na publicação. A menor matéria teve 156 palavras e a maior dela continha 421. Em apenas uma delas, “Terceira Parada do Orgulho de ser LGBT em Fotos”, foi citado o tema da Parada, “Conquista em homofobia”, e as questões voltaram-se para a presença de políticos e para as atrações do trio elétrico. Optando pela prática de apenas reportar fatos ao público leitor, seguindo os modelos de objetividade e imparcialidade, o veículo deixa de oferecer ao cidadão ferramentas necessárias para constituir opiniões que incrementem o debate público (ou referente ao tema), exercendo seu papel não só de mediadora, como também de espaço de mediação, como prega a filosofia do jornalismo cívico.

A matéria “Terceira Parada do Orgulho Gay em Fotos” também aborda a questão comercial do evento, desviando o tema de seu caráter social, que seria o que realmente interessaria aos cidadãos, para de forma subjetiva, sugerir interesse capitalista do evento, apontando também para uma suposta aceitação desse grupo, de forma irônica, por conta do lucro que esse fornece as empresas envolvidas, em vez de destacar a importância política do evento ou a animação do público que lá se encontrava. Essa associação reforça a presença da homofobia cognitiva no veículo, que se caracteriza pela hipocrisia da sociedade que vivemos, que afirma falsamente aceitar a homossexualidade, mas, que nesse caso, aceita-a por motivação financeira e não se incomodam de fato desigualdades entre homossexuais e heteros.

Outro elemento a ser analisado nessa matéria são as fotografias utilizadas para ilustrar o evento que é feita através do uso excessivo pejorativo de fotos das travestis e transexuais

fantasiadas e com pouca roupa, padronizando a imagem do homossexual, utilizando as como fator dramático para chamar a atenção do público, muitas vezes conservador, colocando-as no lugar do estranho e do bizarro, além de focar nos personagens cômicos que circundavam o trio, tirando o foco e caráter militante e político do evento.



Fonte: www.blogdoanderson.com

Na matéria “Movimento LGBT Protesta na Câmara”, o viés dramático do texto é evidente. Fugindo novamente da filosofia do jornalismo cívico, que sugere a utilização do fato social no que eles apresentam de dramático (Silva ,2002), mas agregar aos valores de notícia tradicionais elementos de análise e orientação do público quanto ao problema a ser solucionado. O texto usa a da ocupação dos manifestantes à Câmara, que protestavam contra a ausência dos vereadores em audiência pública para se discutir políticas públicas para os LGBT, para chocar e chamar a atenção dos leitores, utilizando artifícios do sensacionalismo para tal, chegando a utilizar a palavra “tumulto” para caracterizar o movimento. O texto é fechado com a fala de um deputado, que acusa o movimento de partidário, retirando de certa forma, o crédito da manifestação. O texto reduziu também a manifestação à ausência dos vereadores no ato e ignorou outras manifestações do movimento, como o pedido por políticas públicas para o grupo.

A matéria “III Parada do Orgulho LGBT em Debate”, noticiava o seminário ocorrido na noite anterior a Parada, no entanto o texto não discorre sobre a discussão que foi levantada, limitando-se apenas a falar da existência do evento. As fontes utilizadas como consulta para a realização da matéria foram majoritariamente oficiais, fugindo novamente a lógica das práticas do jornalismo cívico (Lima 2011) que propõe a inversão a lógica organizacional tradicional personalizando o testemunho do cidadão e generalizando o testemunho das

elites. A matéria foi publicada também três dias após o ocorrido o evento, que precedeu a parada, deixando passar, portanto, a oportunidade de fazer uma matéria mais informativa constando data, horário, local e outras informações relevantes sobre a Parada para os cidadãos.

Blog da Resenha Geral

Foram veiculadas no blog duas matérias referentes ao tema, intituladas “3ª Parada do Orgulho de Ser LGBT Ocorre em Conquista”, publicada no dia 19 e “ Grupo LGBT Faz Manifestações na Câmara dos Vereadores”, publicada no dia 18. As matérias têm 113 e 46 palavras respectivamente. O espaço destinado a assuntos ligados a Parada no blog foi mínimo, denunciando o desdém e a irrelevância social a qual o tema é relegado. Novamente a oportunidade de incrementar o debate na esfera publica com conteúdo rico e relevante foi perdido e detrimento a superficialidade da abordagem.

Na matéria “3ª Parada do Orgulho de Ser LGBT Ocorre em Conquista” o foco novamente foi voltado para as atrações do trio na tentativa de caracterizar o evento como uma festa, reforçado pela foto da banda em cima do trio e das pessoas pulando em baixo da enorme bandeira símbolo do movimento homossexual, estereotipando novamente o público LGBT, criando a imagem de povo festeiro. O seminário de formação política ocorrido no dia anterior a Parada foi completamente ignorado pelo veículo.

Em “Grupo LGBT Faz Manifestações na Câmara dos Vereadores”, foram citadas apenas o pedido por políticas públicas para o grupo e o protesto referente a ausência dos vereadores na audiência pública destinada a debater o combate a homofobia, caindo na superficialidade.

Conquista News

As matérias publicadas no Site foram “Protesto LGBT na Câmara de Vereadores”, publicada no dia 19 e “Muita Cor, Alegria e Luxo na Parada Gay”, publicada no dia 19. As matérias tinham 74 e 117 palavras, respectivamente.

Na matéria “Protesto LGBT na Câmara de Vereadores”, pecou-se novamente na superficialidade do tema, limitando-se a citar apenas o ocorrido, relegando ao tema pouca importância.

Já “Muita Cor, Alegria e Luxo na Parada Gay”, prefere em sua abordagem focar em duas características que maculam o evento, como o atraso na saída do trio e o forte policiamento da Parada. Do ponto de vista da notícia a violência não está diretamente ligado ao evento, no entanto, a ênfase no forte policiamento dá uma conotação de perigo que poderia ocorrer durante o ato. No entanto, ela dá o tom de caráter político ao evento quando enfatiza que os lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais para celebrar o orgulho de ser LGBT e para lutar contra a violência homossexual. Já a ênfase também dada ao atraso do evento, descaracteriza o movimento, insinuando sua desordem e sugere a incapacidade de organização do movimento.

A matéria também associa o evento ao caráter financeiro, dizendo que o curto percurso da Parada frustrou os barraqueiros que estavam interessados no lucro proporcionado pelo evento trazido pelos participantes. Em momento algum os barraqueiros falaram ou foram questionados sobre a importância do evento, a alegria dos presentes, a importância do combate a homofobia. É demonstrado apenas o interesse dos comerciantes pelo lucro.

Conclusão

Pela forma e abordagem dos meios de comunicação na cobertura da Parada do Orgulho de Ser LGBT de Vitória da Conquista, é possível perceber que os meios não respeitam a diversidade sexual e caem na reprodução de vários preconceitos. Os meios tratam o homossexual de forma negativa estereotipando sua imagem. Os meios de comunicação fazem uso excessivo das fotos das travestis e Drag Queen nas ilustrações das matérias, utilizando esse recurso como forma de chamar atenção da audiência, que é conservadora, colocando aquela imagem no lugar do exótico, excêntrico, incomum ou bizarro, estereotipando a imagem do grupo. O foco que se dá a esses indivíduos não tem intuito de dar visibilidade de uma forma positiva e sim de criar um personagem que chame a atenção do público em um formato sensacionalista. Ou seja, o intuito da mídia seria, na verdade, de

chocar e não de diminuir o preconceito. Descrever a Parada como festa, omitindo também seu caráter político, (observamos que Blog da Resenha Geral e o Conquista News sequer citaram o seminário de formação ocorrido no dia anterior ao evento) e a associação ao luxo, a cor, a alegria e o glamour também é uma forma de estereotipo.

O fato de nenhum meio analisado ter veiculado matérias ou releases informando os cidadãos sobre a parada, podem sugerir um certo interesse no esvaziamento do evento. A cobertura da Parada realizada por esses meios se aproveita do fato social, no que ela tem de mais dramático, despertando a atenção dos gatekeepers de notícias. Ao invés de agregar valores e orientar o público abordado questões da organização e indicações de serviço com a data e horário do seminário e da Parada, telefones úteis, fax, e-mail, site ou blog, os meios servem-se apenas no que houve de dramático junto a uma abordagem sensacionalista do ocorrido em suas matérias.

Versando por demasiado o aspecto econômico da Parada, abordando, como foi analisado, o interesse das empresas, dos vendedores ambulantes e barraqueiros no evento, denuncia-se também o falso interesse que se dá ao evento, aludindo que a tolerância se dá apenas numa lógica de mercado em que os homossexuais são vistos como um grupo consumidor, portanto a tolerância se dá em torno do lucro a que se pretende obter com o evento, não se dando atenção, na verdade, ao verdadeiro sentido da Parada, que é o de promover a visibilidade do grupo, combater a homofobia e lutar pela igualdade de direitos. Demonstra-se, portanto, a homofobia cognitiva que tem dimensão cultural, cujo objeto de rejeição não é o homossexual enquanto indivíduo, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social.

A condução das notícias também não estaria encaminhando no sentido de contribuir para o incremento da participação dos cidadãos no processo democrático, contribuindo para o debate na esfera pública acerca da homossexualidade que ainda é um tema tabu na sociedade. A abordagem realizada de forma tradicional, pelo contrário, deixam uma lacuna na discussão, afastando o cidadão do tema, contribuindo para o declínio da participação cívica, desmotivando-o devido a superficialidade com a qual o tema é tratado.

A escolha das fontes demonstra também que a cobertura noticiosa da Parada caminha no sentido contrário de um jornalismo mais cívico e de responsabilidade social já que a lógica organizacional utilizada é a tradicional, que caracteriza a busca das fontes oficiais, sem dar espaço amplo ao testemunho dos cidadãos, representado, portanto, o pensamento das elites.

Os valores midiáticos permanecem atrelados, seja na política, na economia ou nas correntes que ditam as condutas morais, está também atrelada aos valores determinados pelo poder hegemônico. Dessa forma o preconceito é estimulado de forma subjetiva, apesar do discurso oficial dos meios pregar tolerância. Na conjuntura atual de nosso país (Ribeiro, 2010) a hipocrisia permeia as relações sociais, o preconceito disfarça-se numa tolerância fragilizada, convencionando-se criticar quem pratica qualquer tipo de preconceito. Os meios pregam a igualdade e o respeito à diversidade sexual, mas na prática são incapazes de respeitar a diferença.

Referências bibliográficas

ANDRADE, H. S. Agência Experimental em Jornalismo Cívico: **A tentativa prática de um modelo brasileiro** In In: XXXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2011.

BORILLO, D. **Homofobia: História e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

LIMA, M. A. A. **Cidadão ou consumidor?** Estratégias para a qualidade do jornalismo e da vida pública. Estudos em Comunicação/Communication Studies, 2011.

MARTÍN-BARBERO, J.; REY, G. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. 2ª Ed. São Paulo: Editora SENAC, 2004.

NASCIMENTO, C. G. **A homossexualidade na sala de aula em Vitória da Conquista-Ba**. Monografia apresentada para obtenção do título de Graduado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2011.

RIBEIRO, I. R. **A TV fora do armário: A identidade gay nos programas e telejornais brasileiros**. São Paulo: Edições GLS, 2010.

SANT'ANA, T. **Bicha preta, pobre e afetada? Aqui não, hein?! – Corpo e identidade homossexual na revista gay A capa**. In: XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2010.

SILVA, L. M. **Jornalismo Público: o social como valor-notícia**. In: GT de Políticas e Estratégias de Comunicação da Compós, 2002.

TRAQUINA, N.; MESQUITA, M. **Jornalismo Cívico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.